

O LUGAR DA ESPIRITUALIDADE NO PROCESSO TERAPÊUTICO À LUZ DA GESTALT-TERAPIA

Fabiana Barbosa da Silva¹
Vanessa de Freitas da Costa Lemos²
Thamyres Bandoli Tavares Vargas³

RESUMO: O presente trabalho possui caráter qualitativo, exploratório e propõe-se compreender como a Gestalt-terapia entende a dimensão espiritual na constituição do indivíduo, e como manejá-la dentro do processo terapêutico, para que as experiências de contato do indivíduo com essa dimensão possam resultar em *awareness*. Para tanto, se fez necessário observar a percepção da Gestalt-terapia sobre como o indivíduo se constitui, como ele se relaciona com a espiritualidade e como ele modifica e é modificado por esta relação. Para um maior entendimento do tema, diferencia-se religiosidade de espiritualidade, uma vez que, são termos diretamente associados, mas, que possuem conceitos e significados que diferem um do outro. Para isso, utilizou-se como método de pesquisa a revisão bibliográfica narrativa, cujos artigos foram selecionados pelo critério de relevância, nas bases de dados: Google Acadêmico, PePSIC e Scielo. Ao predispor-se sobre a escuta da espiritualidade e a religiosidade que atravessa a existência do ser no mundo, o psicoterapeuta se abre para o acolhimento e zela pela confiança que o cliente deposita no processo terapêutico, desvelando suas demandas únicas e 1341 particulares.

Palavras-chave: Espiritualidade. Gestalt-terapia. Processo terapêutico.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca compreender o lugar que a espiritualidade ocupa no âmbito terapêutico, quais desdobramentos ela pode ter no processo e como a visão holística da Gestalt-terapia abrange essa temática. Neste sentido essa pesquisa torna-se relevante, pois o tema está diretamente ligado às possíveis demandas que são apresentadas cotidianamente ao Gestalt-terapeuta, no exercício clínico da psicologia. Segundo Campos e Ribeiro (2017, p. 216) a espiritualidade “pode ser um fator de promoção de saúde quando integrada como instrumento

¹Acadêmica do curso de Psicologia da Uniredentor/Afya.

²Acadêmica do curso de Psicologia da Uniredentor/Afya.

³Psicóloga; Professora Mestra em Ensino; Docente do curso de Psicologia da Uniredentor/Afya.

na metodologia terapêutica”, afirmando que existe uma relação positiva entre a espiritualidade e a saúde mental.

O Brasil é um país no qual a espiritualidade é muito presente na vida das pessoas, segundo o último censo realizado pelo IBGE (2010), somente 8% da população se declarou sem religião. Para a Gestalt-terapia, a espiritualidade é uma das dimensões que influenciam diretamente na constituição do indivíduo e na percepção que ele tem de si como ser-no-mundo (Ribeiro, 2009).

Nesse sentido, é preciso evidenciar que há uma diferença entre espiritualidade e religiosidade, pois, apesar da relação estreita, elas possuem significados e sentidos distintos (Pinto, 2009). Tais especificidades são discutidas no decorrer da pesquisa e auxiliam na compreensão de como esses temas estão ligados à busca pelo sentido da vida.

Ao vivenciarmos o desejo por discussões sobre a espiritualidade no contexto acadêmico, notamos que pouco se aborda sobre o assunto na formação do psicólogo, existindo uma lacuna a ser preenchida com aprofundamento em estudos próprios e direcionados a respeito do tema. A espiritualidade foi uma demanda que nos atravessou durante o período de estágio, onde recebemos clientes com *gestalten* abertas, relacionadas à vivência religiosa e espiritual. Essas experiências e o entendimento de que pouco ouvimos sobre o tema dentro da nossa formação, 1342 tem nos impulsionado a buscar uma melhor compreensão de como manejar demandas relacionadas à espiritualidade de forma ética, respeitosa e que leve o cliente à *awareness*. A partir da observação de como a espiritualidade exerce influência na saúde física, mental e social do indivíduo, foi despertado o interesse pelo aprofundamento e maior compreensão de como essa influência auxilia na promoção da saúde mental (Volcan *et al.*, 2003).

Para que esse objetivo seja alcançado é fundamental que o terapeuta suspenda todas as suas convicções e conceitos em relação ao tema, e considere a percepção do cliente sobre a importância e impacto do mesmo em sua vida. Pois, a espiritualidade e a religiosidade podem influenciar na constituição do sujeito, na sua leitura de mundo, de como relaciona-se com experiências positivas ou também com o sofrimento apresentado.

Nesse contexto, a beleza do ofício do terapeuta e da psicoterapia encontra-se numa escuta interessada. Assim, no exercício da psicoterapia, enquanto um caminho sem pré-definição ou roteiro de assuntos que serão apresentados, é preciso conceder espaço para que o

cliente sinte-se confortável ao relatar suas experiências com a espiritualidade. Diante desse processo nos “tornamos um” com o nosso cliente e este percebe que não está só, que caminharemos juntos.

Dessa forma, o objetivo geral da presente pesquisa é compreender como a Gestalt-terapia entende a dimensão espiritual na constituição do indivíduo. Já os objetivos específicos da mesma são: descrever o que é a espiritualidade, diferenciando-a da religiosidade; discutir como a Gestalt-terapia entende a espiritualidade e conhecer como a espiritualidade pode ser abordada no processo psicoterapêutico.

METODOLOGIA

A presente pesquisa possui caráter qualitativo e exploratório, sendo o método de pesquisa a revisão bibliográfica narrativa. Segundo Rother (2007), “os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o “estado da arte” de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual”. Assim, limitamos a busca por livros, teses, dissertações, artigos que contemplam o tema espiritualidade dentro da abordagem psicológica escolhida, a Gestalt-terapia. As bases de dados utilizadas foram: Google Acadêmico, PePSIC e Scielo. Foram selecionadas publicações em 1343 português, sem período determinado. As palavras-chave utilizadas foram: Espiritualidade, Religiosidade, Gestalt-terapia e Psicologia. Dentre as opções disponibilizadas através das buscas, os artigos foram selecionados a partir do critério de relevância e de afinidade com a abordagem gestáltica.

DESENVOLVIMENTO

Relações e diferenças entre espiritualidade e religiosidade

A Organização Mundial de Saúde foi criada em 1948, e definiu saúde na carta de princípios como “o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade” (Scliar, 2007, p. 37). A inclusão da dimensão espiritual pela Organização Mundial de Saúde no conceito multidimensional de saúde, se deu em 1988. Tal modificação passou a considerar a saúde como um processo amplo, o qual é atravessado por

questões como o significado e o sentido da vida, não se limitando apenas a um tipo específico de crença ou prática religiosa (Oliveira; Junges, 2012).

Segundo Oliveira e Junges (2012), atualmente a dimensão espiritual e suas implicações em relação à saúde mental, estão sendo mais pesquisadas no campo teórico da Psicologia, porém, ainda é possível perceber que o tema tem pouca relevância na formação do psicólogo.

Para melhor compreender o papel e lugar da espiritualidade na saúde mental e como a Gestalt-terapia a compreende, faz-se necessário distingui-la da religiosidade. Alguns autores conceituam religião como o aspecto institucional e doutrinário de determinadas formas de vivência religiosa, onde as crenças e os ritos relacionados ao ser superior, são entendidos como meios de salvação (Boff, 2006; Libanio, 2002 *apud* Oliveira; Junges, 2012).

A OMS (1988 *apud* Volcan et al, 2003, p. 441) definiu espiritualidade como “o conjunto de todas as emoções e convicções de natureza não material, com a suposição de que há mais no viver do que pode ser percebido ou plenamente compreendido”.

Há na literatura crescentes evidências de que a espiritualidade é um fator de proteção, tanto em questões de ordem médica, quanto psicológica, bem como em situações relativas ao campo da educação (Volcan *et al.*, 2003). O Conselho Federal de Psicologia (CFP), em 2013, na Assembleia de Políticas, da Administração e das Finanças (APAF), durante a reunião do grupo 1344 de trabalho nacional para tratar sobre Psicologia, Religião e Espiritualidade, reconheceu a importância de garantir “o estado de direito, conforme prevê o Artigo 5º da Constituição Federal: a laicidade do Estado e a liberdade religiosa”:

Reconhecemos a importância da religião, da religiosidade e da espiritualidade na constituição de subjetividades, particularmente num país com as especificidades do Brasil. Neste sentido compreendemos que tanto a religião quanto a psicologia transitam num campo comum, qual seja, o da produção de subjetividades, entendendo ser fundamental o estabelecimento de um diálogo entre esses conhecimentos. Este fator requer da Psicologia toda cautela para que seus conhecimentos, fundamentados na laicidade da ciência, não se confundam com os conhecimentos dogmáticos da religião. Reconhecemos, também, que toda religião tem uma dimensão psicológica e que, apesar da Psicologia poder ter uma dimensão espiritual, ela não tem uma dimensão religiosa, o que nos remete à necessidade de aprofundarmos o debate da interface da Psicologia com a espiritualidade e os saberes tradicionais e populares, além de buscarmos compreender como a religião se utiliza da psicologia (CFP, 2013, p.02).

Para Pinto (2009), a religião pode ser considerada um conjunto de orientações e um instrumento de fé, seus símbolos rememoram sensações de respeito e encanto, e por muitas ocasiões associam-se a rituais que estão interligados aos sentimentos, às condutas e às vivências

atreladas àquilo que o indivíduo julga ser sagrado. Assim, existem constituintes comuns nas mais diversas religiões como a existência de mitos, ritos, símbolos, a cultura, a comunhão social, o amparo relacionado ao sentido existencial e o regulamento moral que maneja o convívio em sociedade (Pinto, 2009).

Na perspectiva psicológica, a experiência religiosa pode ser capaz de emanar força para os indivíduos ou representar um retiro para sua fragilidade, em ambas situações não julgamos a natureza dos recursos como bons ou ruins. Assim a religião pode assumir um carácter positivo e funcional ao validar o decoro individual e o juízo de valor, oportunizando o desenvolvimento da consciência de princípios morais e do compromisso pessoal. Por outra vertente, a religião pode reduzir a compreensão de liberdade, um entendimento de relativização do cuidado pessoal, e contribuir para o subterfúgio da ansiedade, que normalmente está atrelada ao enfrentamento genuíno das opções humanas (Pinto, 2009).

Para Campos e Ribeiro (2017) *apud* Barnett e Johnson (2011, p.148), a espiritualidade está constantemente associada à procura individual pelo sentido existencial e transcendental, já a religiosidade relaciona-se aos rituais e dogmas. Entretanto, muitos indivíduos vivenciam a espiritualidade no ambiente religioso. Assim, para Pinto (2009), é difícil conceituar claramente a fronteira entre religião e espiritualidade, por conta da significativa intersecção que há entre 1345 esses conceitos.

Segundo Pinto (2009), devemos considerar que mesmo sem uma pré-definição cultural ou inclinação natural, o indivíduo é um ser religioso, mesmo abstraído de uma organização religiosa. A fé atravessa o ser humano pelo imaginário, sendo uma fonte respeitável de significação da vida; assim pressupomos que existe a espiritualidade intrínseca ao ser humano, embora não se dê necessariamente em uma determinada religião instituída.

Uma compreensão gestáltica da espiritualidade.

A Gestalt-terapia, conforme descreve Cardella (2017), possui muitas influências filosóficas e teóricas, além disso, constituiu-se de forma coerente e em contínuo processo de transformação. Ainda segundo Cardella (2017), essa é uma abordagem que enxerga o ser humano como relacional, abastecido de singularidade, um ser real, dotado de possibilidades, capaz de se atualizar e se consubstanciar existencialmente. A liberdade de discernimento,

apesar das angústias e aflições relacionadas à necessidade de fazer escolhas e conseqüentemente abdicar de possibilidades, é o que confere ao homem a propriedade de si e do contexto que o cerca, o que torna-o agente transformador da sua vida e do seu futuro.

A Gestalt-terapia não apresenta um acervo fechado e definido para possíveis facetas do humano, uma vez que ele é um ser aberto às infinitas possibilidades, num constante vir a ser. Não define a planta que a semente carrega, embora acredite na planta que habita a semente como potencial a se desenvolver (Frazão *et al.* 2013, p.176).

Segundo Frazão *et al.* (2013), a Gestalt-terapia possui origem fenomenológica, existencial e holística, pertence à terceira força da Psicologia e emprega o existencialismo e o humanismo. Na perspectiva fenomenológica-existencial há uma estima pelas vivências como matriz de conhecimento, pela consciência e pelo entendimento de si. Assim, tal abordagem compreende a pessoa como possuidora de escolha, livre e inteira.

A autonomia do espírito humano, capaz de encontrar por si mesmo a melhor alternativa para suas dificuldades, é o ponto de encontro entre o humanismo e a Gestalt-terapia. Ambos veem o homem como possuidor de um valor positivo, capaz de autogerir e de autorregular sem a tutela de autoridade externa, inclusive a do terapeuta (Frazão *et al.* 2013, p.80).

Na clínica gestáltica, os terapeutas reconhecem a importância do discernimento entre a escolha e o que é ofertado. Cada ser é responsável pela sua escolha, assim como pelas ações que delas emergem para o ambiente. Ou seja, atribuir culpa a motivações externas pela escolha 1346 realizada é um equívoco. A Gestalt-terapia entende que a obrigação da responsabilidade é individual e que cada pessoa é livre para refletir e decidir, dentro das contingências colocadas (Yontef, 1998).

Ribeiro (2016) nos exorta sobre o ato de escolher como a maior transformação do desenvolvimento humano. Sendo resultado de decisões que são tomadas quando captamos a totalidade das fontes que nos direcionam aos fatores motivacionais evidentes nas necessidades. Em dados momentos, as escolhas exigem a espera, essa espera pode ser difícil. Se considerarmos a germinação da semente, o tempo é necessário, pois ao lançarmos à terra a semente precisamos do calor e da umidade, do sol e da chuva. Esse tempo de germinação finda quando a significação das coisas interrompe a aprendizagem cognitiva para tornar-se um chamado do coração. Neste instante, o sentido e a coragem unem-se e o sujeito ressurgem com sua existência percebida com reverência pelo mundo.

Para Ribeiro (2009), a Gestalt-terapia pode ser definida como a Terapia do Contato, o que significa que os gestaltistas devem estar atentos e integralmente conscientes da importância do contato, como sendo vital instrumento de fortalecimento do trabalho. Além disso, tal afirmação conduz ao reconhecimento de que os seres pertencem a um dinâmico movimento com o universo de inter-relação, troca e interdependência, que governa o modo de evolução do sujeito.

Estar em contato é muito mais que estar atento, que estar consciente de si e do outro. Estar em contato é se tornar cúmplice da própria totalidade, em primeiro lugar, e da do outro, em segundo. É, de algum modo, estar sem opção, como uma liberdade que, ao me liberar para aceitar o Outro, me faz devedor dele como uma condição humana. (Ribeiro, 2009, p.116)

A simbolização no campo do contato, busca uma totalidade significativa e inseparável do desempenho humano. Dessa forma, analisar tal campo instante por instante, elemento por elemento, possui o objetivo de levar o sujeito à compreensão emocional, condição que só irá ser alcançada através do reconhecimento do seu comportamento como uma totalidade perceptível do sentido das coisas (Ribeiro, 2009). “A essência é a totalidade metafísica do ser. A ela nada pode faltar que lhe constitui o ser, em ato. Ela contém tudo aquilo que necessariamente lhe pertence” (Ribeiro, 2016, p.36).

Por meio dessa totalidade humana, surge a relação da Gestalt-terapia com a espiritualidade, observada como um fascínio pelo universo. Esse fascínio, esse encantamento, é como uma orquestra onde somos instrumentos, cada um com sua importância. Um constituindo o outro entrelaçados e necessários ao conjunto, sendo o encantamento a compreensão da totalidade do mundo. E assim, chegamos a espiritualidade na clínica gestáltica (Ribeiro, 2016).

Ribeiro (2009) reforça a importância da espiritualidade trazendo o homem primitivo, que não possuía entendimento científico sobre o Universo, e o seu próprio funcionamento. Este vivia sob encantamento, pois a materialidade dos elementos não elucidava nada, assim ele experienciava um constante modo de espiritualidade, atribuindo sentido à matéria para que esta se tornasse compreensível.

A Gestalt-terapia é uma prática vivenciada à procura de recriar o sentido perdido das coisas pela falta de contato com seu sentido original. A espiritualidade é o retorno ou a redescoberta do sentido original das coisas, maculado pela modernidade da indiferença diante do mistério que encerra em si. A terapia gestáltica é também uma caminhada na direção dessa originalidade perdida ou esquecida (Ribeiro, 2009, p.182)

Ainda segundo Ribeiro (2009), em uma análise mais profunda o processo terapêutico torna-se um recurso de expansão de consciência, uma demanda pelo autêntico sentido das coisas, um reencontro com alguns fragmentos perdidos da nossa existência, um deparar com inúmeras possibilidades, e muitas vezes com o que nos assusta. É uma sucessão de juntar pedaços que se desprenderam de uma totalidade e reedificá-la, na busca por um atualizado encantamento de si, que só será possível quando a liberdade, que estava perdida, for novamente encontrada.

Para Matos *et al.* (2023) a espiritualidade pode ser entendida como uma inclinação do sujeito pela busca do sentido da vida, transpondo as conceituações tangíveis, para o encontro de uma conexão com algo de maior dimensão, sendo capaz de estar ligado ou não à religiosidade. Existindo assim uma ligação entre o indivíduo e o sagrado, uma busca pela compreensão do ser humano, do mundo e de Deus. Uma forma de inserir a vitalidade e autorizar a evolução, estando a espiritualidade interligada a algo transcendental, isto é, Deus que surge de dentro.

Ainda falando da espiritualidade, Ribeiro (2009) nos convida a lembrar que o principal instrumento da espiritualidade é o contato, que ocorre primeiramente conosco, em seguida com o outro e por último com o meio que nos cerca.

1348

No entendimento de Ribeiro (2009), a espiritualidade é uma atitude que envolve o crescimento humano de forma consciente, é um meio de vivenciar a mais pura liberdade, uma caminhada ao encontro de si, construindo o aqui-agora. Empenhar-se em quem somos, viver inteiramente as nossas contradições, experienciar nossas polaridades, para na íntegra sentirmo-nos presentes na nossa existência. Sendo a espiritualidade uma atitude de doação à vida.

A Espiritualidade Abordada Dentro Do Processo Terapêutico Da Gestalt-Terapia.

Pinto (2009) aponta que a religião é um tema inerente ao ser humano e que permeia a vida do indivíduo, portanto, é possível que em algum momento esse tema apareça na psicoterapia como “parte integrante da busca da própria humanidade da pessoa” (Pinto, 2009, p. 197). Entretanto, para o mesmo (2009), o que será realçado, durante o processo terapêutico, será a espiritualidade. Dessa forma, o psicoterapeuta deve observar a espiritualidade, sem

deixar de compreender como essa relação foi construída a partir da religião que o indivíduo professa (Pinto, 2009).

Por isso a Gestalt-terapia tem a relação dialógica, construída entre o cliente e o terapeuta, como o aspecto mais importante da psicoterapia (Yontef, 1998). Uma vez que, é através dessa relação que o suporte para o contato, ou para o afastamento desejado, vai se desenvolver (L.Perls, 1976,1978 *apud* Yontef, 1998).

Segundo Pinto (2009), o ser humano, através da experiência com a espiritualidade e do contato com algo transcendente, busca respostas, sentido para sua existência e a cura para o seu sofrimento (Campos; Ribeiro, 2017). Para Andrade e Tavares (2009), as perguntas sobre o sentido da vida que surgem no cotidiano da pessoa, revelam o vazio existencial e conseqüentemente o desejo pela revelação e a busca por outra dimensão da realidade.

Hycner (1995) descreve que alguns autores denominam a experiência espiritual como “transpessoal”, onde abordam “que nossa existência está fundamentada e permeada pelo espiritual” (Hycner, 1995, p.81). Esse termo “transpessoal”, está relacionado à crença ou à experiência de não isolamento, pois o ser humano é visto como parte de uma totalidade maior da existência, o que o torna inseparável e conectado com os outros. Assim, para o autor supracitado, transpessoal é o que está além do pessoal, além dos limites individuais, “quando 1349 as pessoas estão isoladas do sentido da relação com os outros e do sentido de uma realidade maior, experienciam ansiedade e vazio” (Hycner, 1995, p.84). Dessa forma, quando há esse isolamento psicológico, o indivíduo pode ansiar por preencher tal vazio, e caso isso não ocorra, pode procurar um substituto que o preencha, como dinheiro, drogas, sexo e etc.

Nascimento e Holanda (2022) propõe uma “Gestalt-terapia transpessoal”. Para Williams (2006 *apud* Nascimento; Holanda, 2022), incluir a dimensão espiritual como parte do processo psicoterapêutico, pode facilitar o processo de cura do cliente, bem como, ampliar a relação terapêutica.

Juliano (1999), ao descrever sobre as etapas do processo terapêutico, aponta que será na 5ª etapa, após a reconstrução da história pessoal e durante o processo de “buscar a história humana, passando pelo território do sagrado” (Juliano, 1999, p. 67), que os temas relacionados à dimensão humana, até então escondidos, vão começar a ser percebidos. Assim o cliente passa a abordar os temas que pertencem à dimensão humana e não somente à sua história pessoal

(Campos; Ribeiro, 2017). "O Imponderável, o Destino, a Sorte, Deus, a Graça, a Auto-regulação Organísmica, o Inconsciente, qualquer que seja o nome que possamos dar, às vezes manifestam para ajudar!" (Juliano, 1999, p. 83).

Para Hycner (1993 *apud* Campos; Ribeiro, 2017), é neste momento que a psicoterapia vai abrir caminho para que as questões que envolvam o sentido da vida sejam integradas, além de sugerir que neste momento será “possível ampliar o processo psicoterapêutico para se reconhecer o sagrado na vida, promovendo uma integração pessoa-mundo como forma do existir” (Hycner, 1993 *apud* Campos; Ribeiro, 2017, p. 212). Campos e Ribeiro (2017), alertam que o terapeuta precisa estar atento e perceber quando as queixas do cliente representam uma possível busca pelo sagrado.

Hycner (1995, *apud* Andrade; Tavares, 2009), afirma que o cliente na terapia vai em busca de alguém que possa compreendê-lo, e para que o terapeuta seja essa pessoa que compreenda as questões do seu cliente, ele precisa entrar no mundo do mesmo, para então acolher as diversas formas de ser-no-mundo. Para tanto, Andrade e Tavares (2009), afirmam, que “uma vez que tenha suspenso seus pressupostos, o psicoterapeuta precisa ser capaz, no aqui e agora, de rastrear experiências e significados percebidos pelo cliente que ocorrem a cada momento” (Andrade; Tavares, 2009, p.23).

1350

Recentemente o CFP, estabeleceu através da Resolução nº 7, de 6 de abril de 2023, normas norteadoras para o exercício profissional em “relação ao caráter laico da prática psicológica”, a qual coloca que:

Art. 2º A psicóloga e o psicólogo, no exercício profissional, devem utilizar princípios, conhecimentos e técnicas reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional, e considerar:

[...]

II - os aspectos históricos e culturais das experiências espirituais e religiosas;

III - a dimensão da religiosidade e da espiritualidade como elemento formativo das subjetividades e das coletividades;

[...]

V - as vivências a-religiosas, agnósticas e ateístas de indivíduos e grupos (CFP, Resolução nº 7, 2023).

A epoché é de suma importância na relação terapêutica (Andrade; Tavares, 2009). Porém Hycner (1995), alerta que o terapeuta não precisa abrir mão de suas próprias convicções,

apenas colocá-las de lado temporariamente, num processo de suspensão, para se permitir entrar em contato com o mundo e os conceitos mais significativos do cliente.

Campos e Ribeiro (2017) alertam que os terapeutas precisam desenvolver consciência sobre suas próprias crenças e preconceitos, para que os mesmos não venham interferir na relação com o cliente. Apontam ainda que terapeutas que não possuem desconforto em tratar o tema, facilitam que o mesmo seja expressado pelo cliente no seu discurso. Para esses autores a “espiritualidade pode ser um fator de promoção de saúde quando integrada como instrumento na metodologia terapêutica” (Campos; Ribeiro, 2017, p. 216). Porém, o terapeuta precisa estar atento para que o manejo da dimensão espiritual na clínica não ultrapasse os limites éticos estabelecidos pelo CFP, que vão alertar o psicólogo quanto a indução do tema dentro processo, bem como a exposição do profissional associado a alguma vertente religiosa:

Art. 3º É vedado à psicóloga e ao psicólogo, nos termos desta Resolução e do Código de Ética Profissional:

II - induzir a crenças religiosas ou a qualquer tipo de preconceito, no exercício profissional;

[...]

V - utilizar o título de psicóloga ou psicólogo associado a vertentes religiosas;

VI - associar conceitos, métodos e técnicas da ciência psicológica a crenças religiosas; 1351

[...]

IX - utilizar, como forma de publicidade e propaganda, suas crenças religiosas.

(CFP, Resolução nº 7, 2023).

Para os autores Henning-Geronasso e Moré (2015 *apud* Campos; Ribeiro, 2017), o psicólogo não deve ser o responsável por introduzir a dimensão espiritual no processo terapêutico, essa demanda deverá ser trazida para terapia pelo cliente, através da relação dialógica. Os mesmos autores apontam que a ajuda terapêutica acontece, quando o cliente traz o assunto à tona na terapia, a partir desse relato, o terapeuta o leva a perceber e valorizar em sua vida o papel da espiritualidade.

Em uma pesquisa realizada pelos autores Nascimento e Holanda (2022), com 198 Gestalt-terapeutas brasileiros, sobre temas que atravessam questões envolvendo espiritualidade/religiosidade e Psicologia, dentre as várias perguntas, uma visava saber desses profissionais, se temas relacionados a espiritualidade já haviam surgido em sua prática terapêutica. O resultado constatou que 89% dos Gestalt-terapeutas participantes responderam

positivamente quanto ao aparecimento do tema na terapia. Esse resultado foi uma confirmação da importância da discussão desta interface espiritualidade/religiosidade na clínica terapêutica, e uma preocupação, pois, para os autores esses temas ainda são pouco abordados na formação em psicologia.

Nascimento e Holanda (2022) justificam sua escolha pela Gestalt-terapia para a realização da pesquisa, entendendo que essa abordagem, por ter como uma das suas bases filosóficas a Psicologia Humanista, tem um enorme potencial para contribuir com os estudos relacionados à espiritualidade/religião dentro da Psicologia, corroborando com a afirmação de Pinto (2008), quando ele diz:

Dentre as muitas correntes da psicologia, a Gestalt-terapia é uma das que têm enorme potencial para funcionar como facilitadora do difícil diálogo entre a ciência e a religião, entre a religião e a ciência. Desafortunadamente, esse potencial não tem sido suficientemente desenvolvido pelos gestalt-terapeutas (Pinto, 2008, p.76).

A pesquisa realizada por Nascimento e Holanda (2022), apontou também que, apesar da Gestalt-terapia propor uma prática integrativa, compreensiva e aberta à singularidade de cada um, foi possível perceber algumas posturas dentre esses gestalt-terapeutas de “rigidez em não aceitar a espiritualidade como dado de humanidade e pensá-la unicamente como algo negativo” (Nascimento; Holanda, 2022, p. 141). Em constatação ao fato, e por entender que essas posturas 1352 rígidas, são contrárias ao “espírito” da Gestalt-terapia, os autores fazem um convite à abertura, onde eles explicam, que o convite não é para uma abertura pessoal para experimentar ou vivenciar a espiritualidade/religiosidade, mas uma abertura de respeito pela experiência trazida pelo outro/cliente com essa dimensão humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude da pesquisa que realizamos, entendemos que a religiosidade possui relevância no atendimento psicoterápico. A Gestalt-terapia, como abordagem de base humanista, fenomenológica, existencial e holística, oferece embasamento por meio de fundamentação teórica para a condução dos casos relacionados ao referido tema. Pois a maneira como esta abordagem compreende a constituição do ser humano em sua totalidade, entendendo que a interação desse ser com seu entorno contribui para que ele modifique, e seja modificado por essa relação. Tal compreensão auxilia o terapeuta a observar como a dimensão espiritual

exerce influência na vivência deste indivíduo. Esse olhar atento e sem preconceitos em relação à espiritualidade, por parte do terapeuta, faz com que essa dimensão humana possa ser utilizada, como mais um caminho possível para que o cliente entre em contato e alcance a *awareness*.

Kenneth Pargament (1997 *apud* Nascimento; Holanda, 2022), vai descrever que muitas pessoas utilizam a espiritualidade na busca pelo sentido da vida e como uma forma de enfrentamento contra o estresse, o que confirma a importância do trabalho terapêutico da espiritualidade como uma possibilidade de enfrentamento. Outra observação importante, abordada pelos autores, é o quanto as posturas rígidas e inflexíveis em relação a espiritualidade, que muitas vezes são adotadas por terapeutas, tornam-se um fator de risco para o consulente, modificando o resultado de bem estar, esperado dentro do processo terapêutico.

Fomos conduzidas por um caminho de descobertas e um exercício de ampliação do nosso modo de compreender o existir do indivíduo no mundo, como sendo único e dotado de liberdade para realização de suas escolhas, sempre consciente que estas devem ser feitas com responsabilidade, pois não existimos sozinhos. Se a espiritualidade ou até a religiosidade atravessa a existência desse ser no mundo, devemos estar abertos – enquanto psicoterapeutas – para acolher e zelar pela confiança que em nós empregam ao partilhar um assunto tão único e 1353 particular. Considerando a ética como balizadora, assim garantindo a liberdade de expressão e de ajustamento que o consulente vivencia.

É mister pontuar, que ainda é possível observar resistência em relação ao tema espiritualidade dentro da formação acadêmica do psicólogo, uma vez que, “o tema religiosidade/espiritualidade, apesar de um pouco mais frequente hoje na universidade, ainda é um tema marginal” (Nascimento; Holanda, 2022, p.141). Somos exemplo desta constatação, pois não tivemos em nossa formação disciplinas que abordassem o tema. Sendo a partir da experiência de estágio na clínica, quando o tema surgiu como demanda apresentada pelos nossos clientes, que vimos a necessidade em conhecer mais sobre o tema, buscando entender como manejar a espiritualidade dentro do processo, sem ferir normas éticas estabelecidas pelo CFP, bem como aprender a suspender nossa vivência espiritual para não utilizá-la como parâmetro na compreensão da figura e do fundo que para nós é apresentado.

Fica evidente que uma escuta ativa e direcionada, focada no cliente, é fator fundamental para exercer a clínica Gestáltica com uma postura dialógica, distanciando das interpretações, enxergando o ser tal como ele se apresenta.

REFERÊNCIAS

BRASIL.IBGE. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: www.ibge.gov.br Acesso em 05 set. 2023.

CAMPOS, Aline Ferreira; RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Psicoterapia e espiritualidade: da gestalt-terapia à pesquisa contemporânea**. Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 23, n.2, p.211-218, ago. 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672017000200009&lng=p&t&nrm=iso. Acesso em 5 março 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução N° 7, de 06 de Abril de 2023. Estabelece normas para o exercício profissional em relação ao caráter laico da prática psicológica. Disponível em <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-7-2023-estabelece-normas-para-o-exercicio-profissional-em-relacao-ao-carater-laico-da-pratica-psicologica?origin=instituicao>. Acesso em 03 Ago 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Posicionamento do sistema conselhos de psicologia para a questão da Psicologia, religião e espiritualidade. Maio 2013. Disponível em <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Texto-aprovado-na-APAF-maio-de-2013-Posicionamento-do-Sistema-Conselhos-de-Psicologia-para-a-quest%C3%A3o-da-Psicologia-Religi%C3%A3o-e-Espiritualidade-8-2.pdf>. Acesso em 03 Ago 2023. 1354

CARDELLA, Beatriz Tereza Paranhos. **A construção do psicoterapeuta – uma abordagem gestáltica**. 3.ed. São Paulo. Summus, 2017.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima [organizadoras]. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas). São Paulo. Summus, 2013.

NASCIMENTO, Lázaro Castro Silva; HOLANDA, Adriano Furtado. **Espiritualidade, religiosidade, psicologia e saúde: diálogos e pesquisas** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/11BrXcqHnuEUS4aoChHDbAN8ESLl6k48L/view>. Acesso em 12 Abril 2023.

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. [tradução Eliza Plass Z. Gomes, Enila Chagas, Márcia Portella]. São Paulo: Summus, 1995.

JULIANO, Jean Clark. **A arte de restaurar histórias: o diálogo criativo no caminho pessoal**. São Paulo: Summus, 1999.

MATOS, Maria de Lourdes Ferreira; MATOS, Alcemar Antônio Lopes de; NORBERG, Antonio Neres; et al. **Espiritualidade, medicina e saúde**. Livro em PDF. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/055e5e_363d2a89401d402cbcc16be582dbf835.pdf. Acesso em 25 Abril 2023.

OLIVEIRA, Marcia Regina; JUNGES, José Roque. **Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos**. *Estudos de Psicologia*, V. 3, n. 17, p. 469-476, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/w3hnsrp3wzVcRPL3DkCzXKr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 Maio 2023.

PINTO, Ênio Brito (org). **A Gestalt-terapia, a religião e a espiritualidade**. *Gestalt-terapia: Encontros*. São Paulo. Instituto Gestalt de São Paulo, 2009, 2016. P.194-226.

PINTO, Ênio Brito. **Espiritualidade e Religiosidade: Articulações**. *REVER - Revista de estudos da religião*. São Paulo: Dez, 2009. p. 68-83. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.pdf. Acesso em: 14 mar 2023.

PINTO, Ênio Brito. **As ciências da religião, a Psicologia da Religião e a Gestalt-terapia: em busca de diálogos**. *Rev. abordagem gestalt*. Goiânia, v. 14, n. 1, p. 70-79, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v14n1/v14n1a10.pdf>. Acesso em: 03 set. 2023

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Holismo, ecologia e espiritualidade: caminhos de uma Gestalt plena**. São Paulo: Summus, 2009.

1355

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos**. 3.ed. São Paulo: Summus, 2016.

SCLIAR, M. **História do Conceito de Saúde**. *Rev. Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 17(1): 29-41, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100003>. Acesso em 03 set. 2023.

TAVARES, Jackeline Paulla; ANDRADE, Celana Cardoso. **A escuta fenomenológica comprometida pela ótica religiosa de uma gestalt-terapeuta**. *Rev. abordagem gestalt*. Goiânia, v. 15, n. 1, p. 21-29, jun. 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18096867200900010004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 abr. 2023.

VOLCAN, S. M. A., SOUSA, P. L. R., MARI, J. J., & HORTA, B. L. (2003). **Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal**. *Revista de Saúde Pública*. 37(4), 440-445. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/BVT5vHcbtCyFHDXNQ9ks3Tf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2023.

YONTEF, Gary. **Processo, diálogo e awareness: Ensaios em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1998.